REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 893

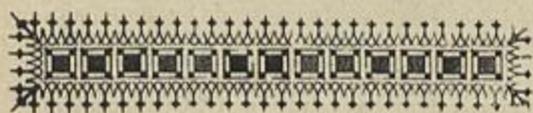
20 DE OUTUBRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

SS. AA. O PRINCIPE ANDRÉ DA GRECIA E A PRINCEZA ALICE VICTORIA

CHRONICA OCCIDENTAL

Já quando, das quatro ás cinco e meia da tarde, se percorre a rua do Oiro e o Rocio ou, pela rua do Carmo, a gente se dirige ao Chiado, nos elevadores e nos americanos, se vae notando uma certa animação, se vão vendo, mulheres a attenção chamando com prenuncios de modas novas, e se vão encontrando as chamadas caras de inverno.

Estamos em meados de outubro, não admira.

Alguns d'estes dias tambem foram mais animados pela concorrencia de algumas sobrecasacas e chapeus altos da provincia, que, logo ao longe se conheciam, e cujas manchas negras foram mais frequentes nos grupos que na Arcada se juntavam.

Eram os amphitriões do sr. Hintze Ribeiro, no jantar que, em homenagem ao sr. Presidente do Conselho, se realisou na grande sala do risco do Arsenal de Marinha, para esse fim brilhantemente ornamentada.

O banquete correu animadissimo e ao sr. Hintze Ribeiro decerto lhe foi muito sensivel a prova que lhe deram seus correligionarios da muita sympathia que lhes merece e de dedicação politica.

Os jornaes dos partidos da opposição teem a seu modo criticado o acontecimento, uns por dever de officio, outros com mais ou menos acrimonia. O facto não podia por modo algum passar sem commentarios e foi mina para os articulistas de fundo, n'uma epoca em que a politica é geralmente de paz podre. Emquanto na sala do risco os trunfos regeneradores enfiavam syneoches e metonymias, com a tinta mais negra dos seus tinteiros e a penna mais acerada os jornalistas progressistas alinhavam ironias e os franquistas argumentos demonstradores da incapacidade d'este governo.

Forças eguaes e contrarias como no torniquete hydraulico. Gira, gira, e, ao cabo de muito girar, quartel general em Abrantes.

D'aqui a oito dias, desvanecem-se nas memorias impressões agradaveis e nos estomagos talvez desagradaveis impressões, e tudo voltará á pacatez até as primeiras discussões depois da abertura das camaras.

Os correligionarios do sr. Presidente do Conselho foram no dia seguinte cumprimental-o ao ministerio, sendo-lhe os representantes de grande numero de concelhos do paiz apresentados pelos respectivos governadores civis que todos se achavam em Lisboa.

Os representantes dos concelhos pertencentes ao districto de Vianna do Castello entregaram ao sr. Hintze Ribeiro, encerradas em riquissimas pastas, suas mensagens de congratulação pela homenagem que lhe fôra prestada pelo partido de que é chefe. Todas ellas continham grande numero de assignaturas.

Não foi bastante um dia para o sr. Presidente do Conselho receber todos os amigos que o procuraram para felicital-o e outro houve de marcar ainda para a todos agradecer a commovente manifestação que lhe fizeram de dedicação e respeito.

Animou-se Lisboa com os forasteiros, animou-se tambem com a abertura de seus dois principaes theatros de declamação, o de D. Maria e D. Amelia.

Dias depois, abriu o theatro do Gymnasio, cuja companhia voltou a Lisboa, depois d'um giro luctuoso pelo norte do Brazil.

Ainda nenhum dos theatros abertos apresentou peça nova aos seus frequentadores, mas para isso se trabalha activamente em todos elles.

O circo das Portas de Santo Antão continua a chamar extraordinaria concorrencia com o homem do velocipede, o outro dos assobios imitando passaros e a mulher das phocas que fazem coisas extraordinarias.

E' um desafio sempre n'esta epoca do anno entre a capital, a querer chamar a si os que estão fóra, e as terras á beira-mar a que não convem a sahida de seus frequentadores.

E estas é que, por emquanto, teem de seu lado a victoria. Cascaes, onde ainda a familia real se demora algum tempo, não só não permitte por ora que se dê signal de partida, mas faz todo o possivel para chamar a si os habitantes de Lisboa.

No Parque dos Duques de Palmella esteve sempre animadissimo o arraial, a favor das creancinhas pobres do hospital do Rego.

Deve passar de dez contos de réis a quantia apurada nos differentes bazares, tombolas, etc.

No domingo á tarde estiveram fechadas as barracas para que não soffresse prejuizo a toirada organisada a favor do hospital da Misericordia.

Foram aquelles verdadeiros dias de festa, que terminaram brilhantemente, n'uma noite de toda a formosura, como se o céo houvesse querido abençoar a caridade dos que mais se teem devotado a melhorar a sorte dos infelizes.

Foi linda a illuminação, esplendido o concerto. Barracas de sortes, fantoches, animatographo, lanterna magica, tudo foi extraordinariamente concorrido.

Lisboa mais tarde se ha de desforrar quando fôr da chegada de D. Affonso XIII.

Então tudo terá recolhido a penates e as ruas hão de animar-se com muitos provincianos sempre ávidos d'estas festas e até muitos hespanhoes que terão curiosidade de assistir á forma por que seu monarcha ha de ser recebido em Portugal.

Não está por emquanto fixado o dia official da chegada a Lisboa de D. Affonso XIII, suppondo-se, porém, que será no dia 18 de novembro, isto é, d'aqui a menos d'um mez.

A communicação official só será feita depois do regresso de El-rei de Hespanha a Madrid.

Andam obras no Paço de Belem, destinado a seu alojamento e ao de sua comitiva.

Todas as ruas do percurso desde o Rocio até ao paço serão devidamente ornamentadas, tendo para isso já, varias vezes, conferenciado os srs. Presidente do Conselho, governador civil e Conde d'Avila, presidente da commissão administrativa do municipio.

O percurso é extenso e por isso desde já muitos operarios se acham trabalhando nos preparativos da ornamentação.

D. Affonso XIII anda por emquanto em viagem pelo seu paiz, tendo sido, segundo os telegrammas recebidos em Lisboa, acolhido em Saragoça com o maior enthusiasmo. Visitou a famosa Virgem del Pilar, a cujos pés depoz o bastão real; foi depois ao mercado onde as vendedeiras lhe juncaram o chão de flores; na camara municipal recebeu o povo.

Só uma nodoa negra em toda esta viagem: a colhida de Fuentes logo ao principio da toirada.

Os toireiros hespanhoes andam agora com pouca sorte. Rara é a semana em que o telegrapho nos não communica morte ou ferimento muito grave em espada ou bandarilheiro.

Verdade é que, se não fosse o perigo, as toiradas passavam a ser como de canastra e toda a commoção desapparecia. A bordoada que uns apanham é que faz a gloria dos outros.

Foi apenas esta a semsaboria; mas Fuentes está livre de perigo, e D. Affonso bemdiz a boa idéa que teve.

As viagens regias estão em moda. Todos os chefes de estado, com mais ou menos apparato, deu-lhes agora para viajar, uns, como o Imperador Guilherme, com toda a opulencia, acompanhados por grande comitiva, outros singelamente, como, ainda ha pouco, El-rei sr. D. Carlos.

A mais falada das viagens é actualmente a de Victor Manuel de Italia ao presidente da Republica franceza, mr. Loubet.

O enthusiasmo dos francezes tem sido enorme e por onde quer que appareçam os soberanos italianos, no theatro ou no Hotel de Ville, no Louvre ou em Rambouillet, as acclamações não param um instante.

Dizem os que mais olham para o fiel da balança que esta approximação dos dois paizes, França e Italia, e muito exactamente por que esta faz parte da triplice alliança, assegura, mais que nenhuma, a paz europêa. D'ahi mais vivas a Victor Manuel e ao sr. Loubet.

O Rei dos belgas tambem anda por fóra do seu paiz. Mas esse não conta. Nunca lá está. Actualmente em Vienna d'Austria, diz-nos que o levou até tão longe o desejo de fazer pazes com sua filha. Então valeu a jornada. Amen.

João da Camara.

OS SECULOS DA REVOLUÇÃO

As communas de França

(Continuação do n.º 891)

O procedimento da realeza durante a revolução comunal foi dubio. Desde o seculo XI até ao seculo XIII, apenas um monarcha, Filippe Augusto, sem consentir communas em seus dominios (dominio real), muito as favoreceu nas terras de seus poderosos e turbulentos vassallos. Em 1184, o rei confirma as cartas dos municipios de Autun, Châlons e Beaune na Borgonha, e a de Crespy no Laonez. Em 1187 approva a formação das communas de Arras, de Saint-Omer, de Hesdin e de Doulens no Artois, e a de Dijon na Borgonha, e em breve a de Montreuil e a de Pontoise. Quando declarou a guerra ao seu poderoso vassallo, o duque d'Anjou, da Normandia e da Guyenna, João *sem terra*, rei da Grã-Bretanha, prometteu ás cidades normandas conceder-lhes liberdades burguezas, por meio de cartas regias. Exceptuado este monarcha, os reis de França só intervieram na revolução communal, comprados a peso de oiro; mas a sua approvação, dependente do interesse, cedia muitas vezes a um interesse maior; e por isso, ora concediam cartas, ora as cassavam, e quasi sempre occasionando novas violencias e perseguições.

Foi isto o que succedeu ao norte da França, em que as cidades soffriam a tyrannia de mais de um senhor. Sujeitas ao barão feudal, senhor immediato (bispo ou cavalleiro), á suzerania do rei de França e á do imperador da Allemanha, frequentemente, depois de combatida e dominada a tyrannia mais proxima, viam fugir-lhes as conquistas da revolução, em proveito do suzerano distante, que, intervindo com o prestigio da sua auctoridade e com seus cavalleiros cobertos de ferro, ateava de novo o combate, pondo em discussão o que já parecêra decidido.

Tal é, desde o seculo XII até ao seculo XIV, o papel que representa a realeza na organisação communal. Umas vezes, attrahida por meio de ricos presentes, confirma as cartas communaes, alcançadas pela revolta armada dos povos; outras, approva a fundação das communas nos dominios do feudalismo, para enfraquecer os seus poderosos vassallos; outras ainda, une-se aos oppressores, e combate, afogando-a em sangue, a revolta dos villões. Luiz VII combate não somente no dominio real «*ces muzards*» de Orleans, que «*par raison de commune*» se revoltaram, mas tambem os povos de Vezelay, que lhe não eram dependentes. Ninguem pode, todavia, furtar-se á torrente das ideias do seu tempo. — Por isso os reis, sem comprehenderem a revolução communal, que os favoreceu, pois em seu proveito enfraquecera o feudalismo, fundaram todavia as cidades burguezas no dominio real, destacando-se entre a organisação politica das provincias do norte, vivificadas pela *ghild*, e as do meio-dia orgulhosamente regidas pelas suas opulentas republicas consulares.

Ainda que a intervenção da realeza fosse mal definida, os homens que haviam fundado constituições livres ao norte e sul da França, deram-lhe força; porque, se os reis poucos municipios fundaram, e muitos combateram, comtudo, sempre que lhes foi possivel, foram cerceando o poder feudal; ora investindo com elle em campo descoberto; ora confirmando as cartas, que os burguezes e mesteiraes extorquiam de mão armada; ou valendo-se, finalmente, da sua suzerania e do tribunal dos pares, para julgar e destituir dos feudos os vassallos reveis. Neste ponto se encontram os interesses da realeza e os da burguezia. Eram naturaes alliados, combatendo contra o inimigo commum.

A organisação politica das cidades do sul e norte da França, é um facto privativo do seculo XII. Embora possuissem antigos usos e costumes, mais ou menos de harmonia com suas tradições, romanas ao sul e germanicas ao norte, não tem duvida que a revolução democratica, que naquelle seculo organisou as cidades com as suas constituições livres, é essencialmente identica em toda a Europa, e manifesta uma feição peculiar, em que nada imita o passado. Nem outra coisa podia advir, pois que as instituições são sempre filhas da época que as viu nascer; e nascem para acudir ás justas necessidades do seu tempo. No seculo XII o feudalismo havia chegado ao apogeu da sua existencia; e, como acontece ás instituições que teem larga duração, vivia cercado dos abusos e prepotencias, sempre usadas pelos que, demorando-se nos fastigios do poder, se creem infalliveis e indispensaveis. Então, o que fôra aurora, tornou-se occaso; o que fôra virtude desvaira-se em crime!

Mas a época era pouco propensa ao soffrimento resignado: já o demonstrámos, tudo preparava uma grande revolução; o homem novo, filho da evolução medieval, testemunha e actor nas guerras feudaes, trabalhador e commerciante, artifice e soldado, possuidor das novas ideias bebidas no christianismo, e do novo direito, filho das instituições barbaras, já então senhor de alguns cabedaes e desejando defende-los, por tudo isto que lhe era vida, — cria uma sociedade nova, que, se guardou, á maneira de todas as sociedades, algumas tradições de seus maiores, bem caras ao coração humano, como saudades do passado, — é certo que talhou a larga parte do futuro na formosa instituição, que se chamou, na edade média, — a communa. E' propria da época, porque é uma associação firmada pelo juramento e armada para o combate. Livremente consentida e jurada, logo proclama o grande principio do direito moderno — a liberdade humana. Proclama-o, quando forma uma constituição livremente consentida, e não imposta por um poder superior; proclama-o, quando elege os magistrados, que hão de administrar-lhe a justiça e exercer os actos da governação publica. E, como tudo n'esta revolução é liberdade, mesmo os impostos, que até ahi eram arbitrarios, sómente são pagos, quando livremente consentidos, e ao suzerano, quando de antemão fixados na carta communal. Esta é a primeira garantia da propriedade; mas de pouco valor, se se não ampliasse aos differentes modos, porque se manifesta a vontade do homem nas relações directas, que mantem com os seus haveres. Por isso, desde a cidade republicana, que, a exemplo de Tolosa, era alliada dos reis, até á cidade de simples *burguezia*, que não tinha governo electivo, como eram as do *dominio real*, desde o norte até ao sul da França, — todas as cidades organisadas a sabor das ideias novas haviam conquistado e estabelecido nas suas cartas os mais valiosos direitos civis. Ainda que differentes na organisação politica, garantem a maior parte d'ellas as funcções civicas aos burguezes, isto é, — o direito de dispor da sua pessoa e bens; de casar os filhos, sem soffrerem o privilegio odioso do *maritagio;* de ordenar os filhos varões, sem prévia compra da licença senhorial; o direito da tutella sobre os filhos menores; e o direito de testar.

Estes e outros direitos eram uma verdade positiva, e de todos realisavel naquelles energicos municipios, que se haviam constituido com seus magistrados electivos e as suas tropas concelhias. E, quando contestados, a força muitas vezes acudia em defeza do direito; e os consules ou *escabinos* encarregados de julgar e administrar, abandonavam o olmeiro da egreja ou a nave da cathedral, e á frente dos burguezes armados e sob a bandeira da communa apresentavam-se a defender as suas liberdades.

Assim, foi uma das mais energicas manifestações do espirito humano; teve todas as regalias, que em direito publico constituem a autonomia soberana: — uma bandeira, thesouro proprio, uma chancella, torre de rebate, jurisdicção, eleições e assembleias publicas![1]

O pelourinho, ainda hoje erguido nas praças municipaes, ahi está ostentando, perante os cidadãos do presente seculo, o direito de julgar e de fazer cumprir as suas sentenças, que tinham os cidadãos do seculo XII.

E, quando isto não fosse bastante, ahi estão as velhas cathedraes, que viram nascer, bramir revoltas e apagarem-se as paixões d'este seculo. São ainda hoje os documentos indeleveis d'estas revoluções. Nos *vitraes* apainelados da cathedral de Mans, os mais antigos da França, figuram os burguezes do seculo XII com a bandeira da communa, e os mesteres com as suas insignias. De em volta apparecem bispos e cavalleiros, como que a revelar quaes os actores d'estes dramas da historia. A cathedral de Laon, incendiada em 1112 durante a revolução burgueza, foi substituida por outra de estylo ogival, que, segundo um escriptor contemporaneo, é creação propria de um municipio ousado e energico.

A revolução burgueza deixára em França vestigios immorredouros nas grandes creações da arte; mas outros de maior duração se nos deparam na patria que ergueram e souberam defender.

Organisados, fortes, aguerridos, conscientes do seu valor e do seu direito, os burguezes apparecem em todas as grandes batalhas da edade média, em que se defende a patria, e, fazendo nos exercitos o serviço da infanteria moderna, alcançam sempre a victoria quando se batem contra a cavallaria da nobreza. Na batalha de Breneville, entre a Inglaterra e a França, entraram as tropas das communas novas (1119). Quando a França foi atacada pela liga imponente do imperador da Allemanha, do rei da Inglaterra e do poderoso conde de Flandres, foi a patria salva na celebre batalha de Bouvines (1214) pelas tropas concelhias, que, das differentes cidades accorreram a

[1] Vide Gabriel Anotaux, *Histoire de Richelieu*, pag. 268.

cercar a *auri-flamma* do rei. Sobresahiram no exercito as communas de Corbia, de Amiens, de Arras, de Beauvais e de Compiégne, que, segundo reza a chronica — «... ultrapassaram todas as batalhas dos cavalleiros, e se postaram deante do rei de encontro a Othon e sua *batalha*; quando o imperador viu taes gentes, não ficou lá muito satisfeito.»

Na paz as communas manteem a ordem publica. Nesta epoca os tyrannetes, aventureiros, bandidos *(brabançois, cotereaux, rolitiers)*,[1] atacavam diariamente a vida dos homens e a honra das mulheres, roubando tudo o que se não achasse nas circumstancias de oppôr-lhes resistencia; a milicia armada das communas representava, no seculo XII, o papel que hoje desempenha a policia das cidades.

Caso foi de lamentar que as republicas opulentas do meio-dia (Provença) perecessem na terrivel guerra dos Albigenses, e que as do norte fossem decahindo á proporção que a realeza colhia forças. Durante 25 annos, o feudalismo barbaro do norte veiu cevar-se, sequioso de aventuras, sangue e rapina, nas corporações industriosas do meio-dia, que tratavam de egual para egual as republicas da Italia e os suzeranos da França, da Catalunha e do Aragão. A egreja incitou a cruzada contra essas communidades burguezas, porque o protestantismo, com o nome de manicheismo, já ahi levantára cabeça, e não tinha cedido nem á voz dos padres nos concilios, nem á fogueira de S. Domingos, nem ás excommunhões dos legados do papa. E' certo, porém, que esta guerra atroz foi a ceva do feudalismo no espolio dos opulentos burguezes. O rei de França ajudou tambem a esta terrivel carnificina, porque lembrado estava Filippe Augusto de que ao embarcar para a Palestina, não encontrára nas provincias do meio-dia um porto amigo, e a toda a hora via fugir-lhe das mãos o dominio d'essas cidades, cujos burguezes se intitulavam orgulhosamente — *barões senhores do Perigueux, cidadãos senhores de Tolosa*. As consequencias politicas, porém, se foram grandes para o reino de França, que assim crescia, e ampliava o seu territorio, foram todavia funestas para a civilisação, porque pereceram muitas das industrias, que só mais tarde a renascença do seculo XVI julgou descobrir. Além d'isso, os naufragos da tempestade de ferro e fogo, que assolou cidades e provincias, foram levar a sua actividade intelligente á Allemanha e a parte da Catalunha, despojando d'este modo a França de todas as suas riquezas.

Tal foi nos povos da lingua *romance* o epilogo da revolução communal. Merece a nossa sympathia, bem como é crédora do nosso enthusiasmo. Aquelles rudes codigos do seculo XII lançaram os alicerces das futuras *cartas constitucionaes*, e assim do direito publico moderno. Mas, se em tudo é difficil o começar; e, se cabe tão só ao tempo e á experiencia o aperfeiçoamento, é certo ao justo amor do bem é de agradecer o principio iniciador.

Conde de Valenças.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PRINCIPE ANDRÉ DA GRECIA E A PRINCEZA ALICE VICTORIA

Realisou-se ha dias na egreja catholica de Wilhelminem Platz, em Darmstadt, o enlace da princeza Alice Victoria de Battenberg com o principe André da Grecia, quinto filho do Rei Jorge e da Rainha Olga.

Este enlace causou verdadeira sensação nas côrtes da Europa, onde é uso imporem-se aos impulsos do coração ou os interesses convencionaes das dynastias ou o egoismo da diplomacia.

Os dois principes loucamente apaixonados um pelo outro, poderam ver realisados os sonhos mais ardentes da sua juventude sem que de permeio se levantassem, como insuperavel barreira, os interesses de Estado, que tem sido para tantos outros o aniquilamento das suas mais acariciadoras esperanças.

O filho do Rei Jorge da Grecia fôra mandado por seu pae á Allemanha a fazer os seus estudos militares, quando ali se sentiu preso da fascinante belleza da princeza Alice, neta da finada Rainha de Inglaterra.

Pela sua parte a filha primogenita do principe Luiz Alexandre de Battenberg, Princeza do Hesse e do Rheno, não desdenhou da côrte que lhe fazia o Principe André da Grecia, e, como em corações de vinte annos estas coisas caminham rapidamente, e as taes conveniencias dos Estados nada tinham que perder com a voluntaria inclinação dos principes, o casamento foi ajustado e o enlace acaba de realisar-se em Darmstadt.

Tem 60:000 habitantes esta cidade é banhada pelo Durons, um sub-affluente do Rheno, residencia habitual da côrte de Hesse e das auctoridades superiores do gran-ducado.

A egreja do ritho catholico de Wilhelminem Platz, onde acima dizemos se realisou o enlace, tem a forma d'uma rotunda e é copia do Pantheon de Roma.

Estão ali os restos mortaes da duqueza Mathilde de Hesse n'um bello sarcophago de marmore, e a capella russa onde se celebrou o consorcio dos principes é de construcção recente.

A princeza Alice Victoria, que é muito formosa e gentil, conta apenas 18 annos e o seu noivo 21, sendo tambem muito considerado pelas suas altas qualidades de caracter e dotes de coração.

Raras vezes o destino une duas almas tão irmãs em sentimentos e virtudes, e esta circumstancia não pode ser senão o bom augurio d'uma felicidade ininterrupta e duradoura.

A ACADEMIA

Estatua decorativa do monumento a Sousa Martins

Tem sido incansavel a commissão do novo monumento a Sousa Martins, á frente da qual se encontra o nosso presado amigo sr. Casimiro José de Lima, para levar a effeito, e da forma mais levantada, a homenagem que os amigos do fallecido professor querem prestar á sua memoria.

Assim o primeiro monumento, que tão infeliz foi, será substituido por outro, como já tivemos occasião de referir em o n.º 846 do OCCIDENTE, ao publicarmos uma gravura da estatua de Sousa Martins, devida ao talentoso esculptor sr. Costa Motta.

Do mesmo artista é a estatua decorativa do monumento, que hoje reproduzimos, e representa ella a *Academia*.

E' mais uma obra que honra o distincto esculptor e que completa o bello monumento, que será inaugurado em março do proximo anno.

O GENERAL ASCARRAGA

Esteve ha pouco de visita em Lisboa este illustre militar, que é um dos vultos mais salientes da politica hespanhola onde gosa grande prestigio no partido conservador, mantendo-se dentro das tradições d'aquelle partido com grande hombridade de principios, o que lhe tem grangeado a maior preponderancia e valimento.

GENERAL ASCARRAGA

D. Marcello Ascarraga occupava o cargo de ministro da guerra por occasião da malfadada revolta de Cuba, e deve-se á sua iniciativa a mobilisação rapida dos 250:000 homens que elle ali mandou n'essa occasião.

Este acto que provou a energia de caracter do general Ascarraga, mereceu os louvores da Hespanha inteira, indicando-o desde logo como um homem de acção e do qual, de certo, muito tem ainda a esperar a patria que elle honra pelo seu nascimento, e que se julga honrada com os seus serviços.

Quando Canovas del Castillo foi covardemente assassinado em San Sebastião pelo italiano Angioldo, a rainha regente tendo em consideração as sympathias que o general disfructava em todo o paiz, convidou-o para presidente do gabinete, substituindo no poder o chefe conservador, ao mesmo tempo que continuava gerindo a pasta da guerra.

Visitando o nosso museu de artilharia Ascarraga mostrou-se conhecedor da historia de muitos dos objectos que ali se guardam e que são verdadeiras reliquias de feitos que honram e ennobrecem o nosso exercito.

O general Ascarraga é uma das individualidades mais salientes do exercito hespanhol e figura no primeiro plano dos seus nomes mais illustres. Pena é que um facto passado com os representantes do nosso jornalismo diario, voltasse contra elle as animadversões d'uma classe que tendo o legitimo direito de ser considerada e respeitada de todos, se viu menos attendida e considerada pelo nosso hospede.

Esse incidente, porém, se deixou ficar por momentos, uma impressão desagradavel no nosso animo da visita do illustre general e homem publico, deu-nos a compensação deveras consoladora de vermos correr á estacada a defender a nobilissima missão da imprensa as pennas mais em evidencia no jornalismo, produzindo-se artigos notabilissimos entre os quaes merece logar de honra o das *Novidades* de 13 do corrente.

A EGREJA DE S. ROQUE

EXTRACTO DO CAPITULO VII DO LIVRO

«A Santa Casa da Misericordia de Lisboa»

A antiga ermida de S. Roque corria, segundo a norma da epocha, de occidente para oriente. Tinha a porta voltada para onde hoje está a torre, e a capella-mór no sitio onde actualmente está a capella de S. Roque; para oriente da capella-mór, ficava provavelmente o *adro* ou cemiterio dos empestados. Dos terrenos que circumdavam a ermida, parte pertencia desde 1401 á Ordem da Santissima Trindade. Eram terras e olivaes, que andavam aforados a diversos, até que por fim os Padres da Companhia de Jesus os compraram, ficando porém sempre pagando foro á Santissima Trindade[1].

Junto á ermida havia duas casinhas terreas, pousada dos capellães e ermitão. N'ellas se albergaram os Padres da Companhia, em numero de quatorze ou quinze, servindo-lhes de egreja a ermida, com alfaias emprestadas do Collegio de Santo Antão. Assim viveram por dois annos. Como nos sitios não havia agua, iam todos elles buscal-a — «a campã tangida» — com suas quartas e cantaros[2].

D. João III mandou-lhes comprar terrenos para edificarem a Casa e para a cerca annexa, dando-lhes quantiosas esmolas para sua sustentação e construcção da nova residencia.

Resolvida a edificação de novo e mais espaçoso templo, traçou-se o projecto, ficando a ermida a servir de capella-mór e cruzeiro, com a sua orientação L O. e accrescentando-se oitenta palmos na linha N S., vindo desde o pulpito até á porta actual.

Com grande solemnidade, lançou a primeira pedra em 1555, o Padre João Nunes Barreto, da Companhia, sagrado Patriarcha da Ethiopia.

Não julgaram os Padres sufficiente esta ampliação e por isso em 1566, resolveram fazel-a mais grandiosa, che-

[1] *Chronica da SS. Trindade.*
[2] *Codice manuscripto da Bibliotheca Nacional* ms., n.º 207.

---

[1] Footnote marker in first column (footnote not printed on this page).

FRONTARIA DA EGREJA DE S. ROQUE E SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

gando a abrir os caboucos para uma egreja de tres naves — «com seus pilares para as columnas.»

Novamente reconsideraram os padres em 1567 e assentou-se então a traça definitiva — «de hua só nave». A obra seguiu sempre, porém vagarosa, em razão da peste que assolava a capital e da falta de recursos. Em 1571 tomou novo alento, ficando as paredes na altura da cornija interior, em outubro de 1573.

Entendeu-se conveniente não a cobrir de abobada, com receio de que não a aguentassem as paredes; determinou-se cobril-a de madeira e escolheram-se vigas vindas da Prussia e da Allemanha, de 97 palmos de comprido.

A antiga ermida, que a principio servira de cruzeiro da nova egreja, ficara completamente destruida e destruido o respectivo alpendre. Nos annos decorridos de 1555 a 1577 haviam-se gasto nas obras 75:000 cruzados, somma para a qual dadivosamente concorreram os monarchas D. Sebastião, D. Catharina e D. Henrique.

O rei de Hespanha, Filippe II, enviou então a Portugal o architecto italiano Filippe Terzo, que tambem deu o risco para a egreja de S. Vicente e paços reaes da Ribeira.

O architecto extrangeiro, segundo alguns affirmam conseguiu com grande maravilha dos nossos constructores d'esse tempo, cobrir o templo com um madeiramento formado pelos mastros de madeira vinda da Prussia, ligados por fórma até então desusada entre nós.

«Artisticamente, diz o sr. Julio de Castilho, a egreja de S. Roque estava de todo no caracter da casa a que pertencia. Filippe Terzo (ou Tercio), o architecto, revelou bem a sua intelligencia e a sua sagacidade. Impera alli o desapego das grandezas, a lucidez da consciencia e a linha recta e resignada da disciplina claustral[1].

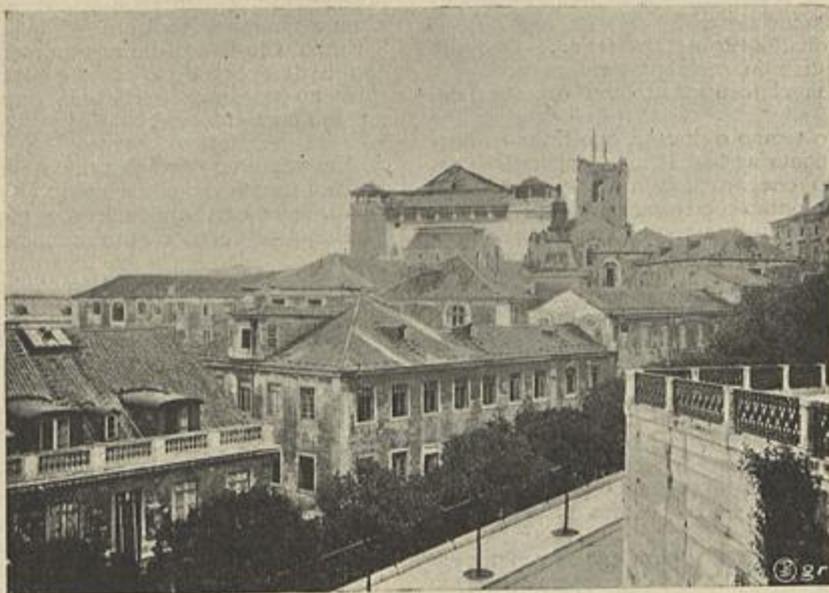
O citado manuscripto refere estes factos pela seguinte maneira:

«No anno de 1582 se poz mam no tecto da Igr.ª mandando a Mg.de d'El-Rey D. Filippe I de Portugal, q̃ já tinha entrado na successam do R.no por morte de El-rey Dom Henrique seo tio, ao seo Arquitecto principal q̃ o traçase e desse toda a ordem a elle, e por ajuda de custa mandou dar de esmola mil cruzados, com os quaes e com o procedido de hũ alvitre d'India e outras mais esmolas, se acabou e aperfeiçoou a arquitectura na forma em que hoje se vê, a qual por sair muy forte e ser desusada n'estas partes, tanto causou de admiraçam aos que a viam quanto de novidade por não terem visto outra semelhante e assim foy notavel o concurso de coriosos que concorriam a ver a nova fabrica e invẽcam. — Por duas vezes se cobrio o emmadeyram.to do tecto com laminas e pastas de chumbo, variando a traça e invençam dellas porém, nam vedando bem a agua da chuva, se desistiu de semelhante cobertura e a vieram por derradeyro a fazer de telhas como hoje está, que sempre seguraram mais e defenderam o tecto das goteyras das laminas de chumbo, etc.»[2]

Segundo se vê de uma formosa planta do templo, edificio e cerca de S. Roque, feita em principios d'este seculo, o adro da egreja era muito maior do que o actual, avançando até um terço do largo[3].

Entra-se na egreja por tres portas, sendo as lateraes de muito menores dimensões. Penetrando no vasto templo, e passando o espaço que fica por debaixo do coro, o qual é sustentado por

[1] *Lisboa antiga*, tomo I, pag. 156.
[2] Cit. *Codice mss.*, n.º 207.
[3] Referida planta e *Lisboa antiga*, tomo I, pag. 155.

VISTA INTERIOR DA EGREJA DE S. ROQUE

VISTA GERAL DA EGREJA DE S. ROQUE E SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

duas bellas columnas doricas de pedra, vêem-se a cada lado cinco grandes arcos; nos quatro primeiros ficam anichadas as capellas, mettidas para dentro das paredes, talvez com o intuito de as reforçar. Como são muito fundas, são geralmente escuras o que bastante prejudica o exame das preciosidades artisticas que conteem, especialmente dos belissimos quadros que as adornam. O quinto arco, que de um lado corresponde ao outro, forma o cruzeiro da Egreja. Nos dois topos do cruzeiro ha duas portas fronteiras: a do lado da epistola deita para o edificio de S. Roque; a outra conduz á sacristia antiga e á nova, e pelo corredor que segue dá passagem para a porta do carro. Segundo descripções antigas mede este templo que é ao presente, sem duvida um dos mais bellos e majestosos de Lisboa, duzentos palmos de comprido, fóra a capella-mór (que tem vinte e quatro palmos de fundo por trinta e tres de largo), e oitenta e tres palmos de largura. Pouco padeceu o edificio da egreja com o terremoto de 1755; apenas, como já dissemos, uma parte da cimalha da frontaria, com a varanda e passadiço [1] que havia sobre ella, e a torre foram derrubadas, sendo porém breve reconstruidas, e a cimalha substituida pelo frontão feito de alvenaria e sobrepujado pela cruz, o que dá indicios de que a obra não ficou completa, e não honra a arte nem o gosto.

O tecto da egreja é de esteira, ornado de pinturas antigas.

A traça geral da egreja de S. Roque, serviu de modelo ao plano de outras egrejas jesuiticas que no reino se foram construindo. Em todas se observavam as mesmas regras geraes [2].

O terremoto, conhecido pelo nome de terremoto de S. Martinho, que em 11 de novembro de 1858 abalou Lisboa, causou grandes desvios na cimalha da egreja, especialmente no cunhal que faz para a rua de S. Pedro de Alcantara, onde se notam grandes fendas. Os degraus da escada da torre ficaram tambem quasi todos partidos.

O mesmo popular poeta, que já citámos ácerca da egreja velha da Misericordia, tambem nos diz de S. Roque, na sua descripção de Lisboa:

Subindo d'aqui para o alto,
por uma costa ou ladeira,
no verão pouco aprazivel
quando as sombras são pequenas

Fica no cimo S. Roque
um templo de tal presença
que succede em maravilha
ás que hoje faltam na terra [3].

* * *

Recommendando ao governo a necessidade de obras de limpeza e restauração no exterior do templo de S. Roque dizia o fallecido Provedor, dr. Thomaz de Carvalho, no seu officio de 27 de junho de 1892:

«A egreja de São Roque é um dos edificios religiosos mais frequentados por nacionaes e extrangeiros, não somente em razão do grande numero de officios que n'elle são celebrados, como pela riqueza e antiguidade de suas capellas, entre as quaes prima a de S. João, generosa esmola do magnificente rei D. João V, capella cujos mosaicos são o pasmo e a admiração de quantos a visitam, etc.» [1]

Victor Ribeiro.

[1] A'cerca d'estas varandas diz o citado codice 4491 que se fizeram duas varandas, uma para cobrir a aboboda da capella-mór, que é o grande varandim de rotulas que ainda hoje se vê, nas trazeiras da egreja e de onde se disfructa um esplendido panorama. «A outra corria sobre as capellas e tribunas; tambem ainda hoje persiste e dá serventia ao côro e ás tribunas.

[2] *Boletim da Associação dos Architectos e Archeologos*, tomo VIII, pag. 80.

[3] Lisboa, 1626. Por Antonio Alvarez. *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes*, 1899, 3.ª serie. n.os 7 e 8.

[1] As estampas que acompanham este artigo representam: a primeira a fachada da egreja e a vista geral do edificio tirada de S. Pedro de Alcantara, segundo photographias do sr. E. Barault; e a antiga portaria com seu alpendre, segundo um desenho de 1833. A segunda mostra-nos o interior do templo, segundo photographia de Rocchini, antes das grandes obras que alli se effectuaram em 1894.

O SEGREDO DE CLOTILDE

(*Continuado do n.º 892*)

X

Alfredo não poude, effectivamente, ter mão em si, e descarregou o punho sobre a mesa fazendo tilintar os pratos e copos, ao mesmo tempo que o criadinho lhe ia servir o assado.

O rapazito assustou-se a ponto de largar das mãos a travessa sobre o collo da D. Jesuina, que dando um salto na cadeira gritou:

— Outra vez!...

E aquelle grito de desespero, ressoou por toda a casa com tal estridor, que n'elle se confundiu o tilintar vibrante dos copos e dos pratos, tanto a tempo foi.

A impressão de susto nos convivas passou rapida como um relampago, e uma gargalhada irrompeu de todos, ao verem o novo desastre succedido á mãe de Clotilde.

Era de exasperar, e em altos brados ella ralhava, ralhava:

A ACADEMIA — ESTATUA DECORATIVA DO NOVO MONUMENTO A SOUSA MARTINS

(Esculptura do sr. Antonio da Costa Motta)

— Que estupido criado, que animal...

A D. Eugenia ainda observou que lhe parecera um tremor de terra.

— Qual tremor, nem meio tremor. E' este imbecil que se apostou em dar-me cabo do vestido.

— Perdoe, perdoe. — dizia o rapaz — *max* lá que tremeu, tremeu, minha *xinhora*.

E cada vez a gargalhada resoava mais estridente, com o espalhafato da D. Jesuina.

A D. Jeronyma até lhe corriam as lagrimas pelas faces e entre frouxos de riso philosophava:

— E' irresistivel... é irresistivel o rirmos muitas vezes da infelicidade dos outros.

As filhas do general tiveram por melhor levantarem-se da mesa e fugirem para a casa mais proxima a rir, a rir, atiçadas pelo nervoso; mas era o quarto de vestir, e alli as foi surprehender a D. Jesuina mais a filha que ia ajudar a compôr o vestido á mãe.

— Se isto fosse com as meninas não lhe achavam tanta graça, reprehendeu a mãe de Clotilde.

Ellas disfarçaram como poderam acercando-se do espelho a arranjar o penteado, e para se desculparem disse a mais nova:

— Foi a mana que veio desapertar o espartilho...

— Para rir mais á larga, atalhou a D. Jesuina, furiosa.

As duas, porém, voltaram correndo para a sala de jantar, onde continuava a hilariedade e a D. Jeronyma, dizia agora baixo ao sobrinho.

— Tu é que encommendaste estas diabruras ao rapaz? Ainda bem que eu não sou sogra; safa!

Alfredo não podendo escapar-se á corrente, e apesar de toda a colera que o perturbava, ria tambem e com mais vontade ainda, por lhe parecer que ninguem tinha percebido a causa d'aquelle incidente comico, graças á rapidez com que lhe succedeu o salto e o grito da sogra, que tudo foi obra d'um instante.

Chegou a parecer-lhe providencial o susto do rapaz, para o livrar do ridiculo a que o ciume o ia expondo n'um momento de allucinação.

Sim, ridiculo, pensou elle, mais desopilado, cahindo em si. Prudencia, dissimulação, é que era preciso, pelo menos alli, entre gente, que iria dar á lingua, com grande escandalo.

E, afinal o doutor parecia tão satisfeito com o seu commensal, conversando os dois muito animados e rindo, principalmente a Lóló, mais espansiva, que as suspeitas de Alfredo se desfaziam como fumo no ar, se bem que o brazido não se apagasse de todo.

N'esta disposição de espirito, e como desafogo, exclamou, respondendo á tia Jeronyma:

— Foi a Providencia, tia, foi a Providencia!

N'isto vinha entrando a D. Jesuina, que ouvindo o genro, logo pegou na deixa.

— Providencias peço eu ao senhor para que mande retirar este lorpa, de servir á mesa.

Clotilde, intimamente contrariada ainda tentou desculpar a inexperiencia do criado, protestando que não aconteceria outro caso assim, mas o rapaz é que não esteve para mais, e desappareceu, mal viu entrar a D. Jesuina a pedir ao patrão que o mandasse d'alli para fóra.

— Tres guardas de castigo, sentenciou o general com ironia.

— O que não tem remedio, remediado está, acudiu bondosa a D. Jeronyma.

— A indulgencia é propria das almas bem formadas, voltou o general, que não perdia ensejo de ser agradavel á tia de Alfredo.

Mas a sr. D. Anna, que era em extremo zelosa do marido, deu-lhe uma forte pisadella que elle viu as estrellas e quasi ia soltando uma praga, quando se sentiu estoirar a primeira rolha do *Champagne*.

Estava-se á sobremesa, e Alfredo, em pé, de garrafa em punho, á falta de criado, distribuia pelas taças, que todos lhe estendiam presurosos, o espumante licôr.

Só os da mesinha não deram por isso, entregues a conversação animada.

O tio Pires não se conteve, que chamasse o filho, e a D. Jeronyma, aproveitando o ensejo de se divertir, tambem lhe gritou:

— O' doutor, o *champa*...

Elle levantou-se precipitado, como que impellido da cadeira, e sem deixar concluir a D. Jeronyma, respondeu automaticamente.

— A's ordens de V. Ex.ª...

— A's ordens do *Champagne* é que é, doutor.

E todos riam, principalmente o general, que dizia para a mulher:

— Está prisioneiro, não ha duvida, está prisioneiro.

Mas a sr.ª D. Anna, ainda resentida de ha pouco, respondeu insidiosa.

— Coitadinha, Deus a faça feliz... Que elle tenha mais juizo do que alguns velhos...

— E velhas ciumentas, atalhou o general em recochete.

Ao mesmo tempo o doutor, que tinha os braços curtos como as pernas, por mais que se estendesse não chegava com a taça para Alfredo lh'a encher, e então o general soccorreu-o, quasi paternal, estendendo-se por elle para lhe encherem as taças dos convivas da mesa de pé de gallo.

— Muito obrigado, muito obrigado, murmurou o doutor.

Mas as saudes principiavam, e Alfredo foi o primeiro a agradecer, n'um brinde a todas as pessoas que lhe davam a honra de o acompanhar n'aquelle dia.

Entrara-se no periodo animado do jantar e até a D. Jesuina, esquecendo-se do desastre do vestido, lembrava os tempos de casada, em que seu defunto esposo muito gostava d'aquellas festas.

O general fazia votos para que se repetissem por muitos annos dias tão felizes como aquelle, e ia despejando taças sobre taças.

— A' tua saude e de tua mulher, bebia a D. Jeronyma em intimidade com o sobrinho, que lhe retribuia.

Os da mesa de pé de gallo é que faziam causa áparte, o que levou a tia de Alfredo a provocal-os com uma saude, pois não lhe soffria o genio alegre, guardar etiquetas.

— Brindo aos felizes commensaes da mesa de pé de gallo.

Era quasi uma inconveniencia, uma denuncia, se nos circumstantes houvesse duvida:

Que ali conspirava amor.

A' Lóló affluiu lhe todo o sangue ás faces, e o doutor tentava improvisar discurso, mas faltava-lhe a facundia; ainda começou:

— Os felizes d'esta mesa agradecem e brindam a V. Ex.ª...

Mas a D. Jeronyma cortou-lhe o fio da palavra, atalhando com vivacidade:

— Os felizes!? ainda bem sr. doutor Pires e companhia...

Todos acharam graça ao dito e largaram a rir incluindo o general, que á sua parte já esvasiára uma garrafa de *champagne*, e todo vermelho appoiava:

— E' um cavalheiro capaz de fazer uma mulher feliz.

O procurador Pires é que não concordava e antes queria que o filho fosse capaz de lhe advogar as causas.

O *champagne* tambem produzia o seu effeito em Alfredo dispondo-lhe melhor o espirito. No emtanto Clotilde, chamando o primo, que logo veio, segredou lhe, mostrando-lhe um papel:

— Sim, dois corações amantes... confirmou elle.

Ao mesmo tempo Alfredo fazia saltar a rolha da terceira garrafa de *champagne* para servir o general, mas inquieto por mais aquelle segredinho, sem saber já de si, em vez de logo virar a garrafa sobre a taça, deixou o vinho esguichar até ao tecto, indo cahir em cascata sobre o doutor, que ainda não retirara para o seu logar.

Nem de proposito!

A D. Jeronyma, na sua boa disposição de espirito, achara muita graça ao caso, e exclamou:

— Ora não ha! Uma coisa assim!

As meninas perdiam-se em mal reprimido riso emquanto a Lóló e Clotilde acudiam a enxugar a casaca ao doutor com lenços e guardanapos.

Elle, por sua parte, limpava com o lenço a calva e a cara, por onde o *champagne* escorria e vinha pingar no peitilho luzente da camisa.

— Tudo é alegria, primo, desculpe, são coisas que não se podem prevêr, e assim Clotilde ia rindo e desculpando.

A Lóló tambem consolava.

— Antes isto do que agua, que é desgosto.

— Mas isso é na toalha da meza, advertia o doutor, procurando tranquilisar-se do susto, e compôr com as mãos as pastinhas de cabello por sobre a calva.

A D. Eugenia tambem acudiu pelo filho, não se constipasse elle.

— O vinho nunca constipou ninguem, observou o general, esvasiando mais um copo á saude do dono da casa.

Todos corresponderam e o marido de Clotilde desculpava-se que não sabia como aquillo tinha sido.

— Coisas que acontecem, voltou o doutor, delicadamente, e, sentando-se á mesinha, acompanhou a saude mais a Lóló.

Então Clotilde pediu uns momentos de attenção e desdobrando o papel que tanto fizéra receiar ao tio Pires e enchera o marido de ciume, leu com emoção:

Em verso eu cantarei teu nascimento.
Tua raça levantada e nobre.
Ai, se eu não fôra como sou, tão pobre,
Na praça t'ergueria um monumento.

Em pedra ou bronze, Alfredo, bem quizéra,
O teu nome gravar, o nome querido!
Dos maridos és rei, és meu marido.
Tudo mais para mim é vã chimera.

Oiro e prata, saphiras e brilhantes,
Não valem mais e até nem valem tanto,
Como dois gemeos corações amantes!

Do fundo da minh'alma ergo o meu canto,
E tão alegre agora como d'antes.
Viva o *Champagne* e seque o nosso pranto!

Todos em coro applaudiram o soneto de Clotilde, que muito alegre correu a dar um beijo no marido dizendo-lhe, sem mais rodeios:

— Eis o meu segredo.

Alfredo, commovido, beijou sua mulher como um osculo de paz.

— Eu é que não sabia que tinhas uma mulher poetisa, dizia a D. Jeronyma para o sobrinho.

— Nem eu, minha tia.

— A' saude da poetisa, brindou a tia de Alfredo.

— A' saude, acompanharam todos.

Mas Clotilde indo buscar o primo pela mão apresentou-o dizendo:

— Eis aqui o auctor.

Elle, cofiando o bigode, agradecia e declarava:

— Apenas collaborador, collaborador.

O general cada vez mais vermelho e de olhos esgazeados repetia:

— E' um cavalheiro capaz de fazer uma mulher feliz!

— São favores, general, que não sei como agradecer, e o doutor accrescentou a medo: não depende só de mim.

A D. Jeronyma, muito satisfeita por mais um casamento em perspectiva, foi offerecendo:

— Para madrinha cá estou eu.

E o tio Pires, meditando sobre o caso: Para isto mandei eu o rapaz a Coimbra..

Caetano Alberto

Antonio Maria d'Oliveira e Silva

E' este um nome consagrado pelo respeito e pela estima do povo de Montemor o Novo.

O sr. Antonio Maria d'Oliveira e Silva é o recebedor d'aquelle concelho, abastado proprietario, e tem por differentes vezes exercido cargos de voto popular, com uma isenção digna de todo o elogio.

ANTONIO MARIA D'OLIVEIRA E SILVA

O acerto e a probidade com que tem sempre desempenhado os seus deveres de homem e de funccionario, os serviços por elle prestados ás classes indigentes, quer como provedor da Mise-

ricordia e Hospital d'aquella villa, quer na direcção de outras corporações que a iniciativa popular creou e sustenta, não só lhe dão jus á consideração de todos, como indicam um verdadeiro benemerito e notavel homem de coração.

Especialmente no desempenho do cargo de provedor da misericordia e hospital de Montemor o Novo, o sr Oliveira e Silva fez uma administração tão correcta e acertada, que ainda hoje apesar de já terem decorrido bastantes annos da sua provedoria, ella se recorda como uma das mais proveitosas para aquella instituição de caridade.

A sua administração deu um grande impulso não só á missão caritativa da Misericordia, mas ainda á construcção do hospital civil de Santo André, onde os desvalidos e indigentes são recebidos carinhosamente e com os cuidados que requerem as suas enfermidades.

Este facto por si só recommendaria o nome do sr. Antonio Maria d'Oliveira e Silva á consideração publica, se tantos outros não houvessem já justificado o grau de estima que os Montemorenses por elle nutrem, e se traduziu no preito de homenagem que o nosso collega *A Folha do Sul* lhe prestou no seu N.º 297, de 3 do corrente, e a que O OCCIDENTE justamente se associa, prestando egual homenagem a tão benemerito portuguez.

R.

A natureza e seus phenomenos

I

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

III DOS DIVERSOS ESTADOS DA MATERIA

(Continuado do n.º 891)

Os corpos na natureza, apresentam tres estados de aggregação diversos:

1.º *Estado solido.*—E' o estado ordinario das madeiras, mineraes, metaes, etc. E' caracterisado pela forma propria que os corpos apresentam, sendo necessario empregar um certo esforço para separar as suas partes.

2.º *Estado liquido.*—E' o estado normal da agua, do azeite, do alcool, etc. E' caracterisado pela extrema mobilidade das moleculas do corpo, podendo este tomar a forma dos vasos onde fôr contido.

3.º *Estado gazozo.*—E' o estado ordinario do ar, do chloro, do azote, etc. E' caracterisado pela extrema mobilidade entre as moleculas do corpo, superior á dos liquidos, e pela sua granda expansibilidade.

Aos liquidos e gazes, denomina-se, egualmente, *fluidos.*

Nos solidos, a força de cohesão é superior á força repulsiva do calor; nos liquidos essas forças equilibram-se; nos gazes, esta é superior áquella.

I—SOLIDOS

Estudadas as propriedades geraes dos corpos, indiquemos, agora, as propriedades particulares de cada um dos tres estados de aggregação dos corpos.

As propriedades particulares dos solidos, são: a *elasticidade, dureza, fragilidade, ductilidade, malleabilidade* e *tenacidade.*

Prendendo uma barra por um dos extremos, e carregando-a com pesos, pelo outro, a barra alonga-se; attingido certo limite, e cessando o esforço, a barra readquire o volume primitivo. A esse esforço, denomina-se *tracção*, e á propriedade da barra adquirir o volume primitivo, *elasticidade de tracção.*

Prendendo uma barra por um dos extremos e obrigando-a a curvar, produz-se uma *flexão*, manifestando o corpo, a *elasticidade de flexão*, apenas cesse esse esforço. Torcendo uma barra, passado algum tempo, destorce-se voltando á posição primitiva. A esta especie de elasticidade, denomina-se *elasticidade de torsão.*

Existe ainda, a *elasticidade de compressão*, propriedade geral dos corpos, a que já nos referimos.

Ha, portanto, nos solidos, a elasticidade de *tracção*, de *flexão*, de *torsão* e de *compressão.*

Esta propriedade particular dos solidos é utilisada em varios objectos de uso trivial.

A *elasticidade de compressão* da crina, lã, pennas, etc., é utilisada para encher colchões, travesseiros, estofos, etc.

A *elasticidade de flexão* do aço serve de regulador nos relogios e outras machinas.

Nos relogios, uma lamina de aço muito enrolada (mola) tende, pela sua elasticidade a desenrolar-se, communicando movimento graduado por meio de rodas dentadas e regulado pelo pendulo nos relogios de parede ou pelo *cabello*, mola d'aço muito delgada nos relogios de algibeira, ás outras peças do mechanismo.

As molas elasticas das carruagens, servindo para amortecer os choques são outra applicação da elasticidade dos solidos.

Nos *dynamometros*, utilisamo-nos, egualmente, como vimos, da elasticidade das molas, para medir os esforços de tracção.

Dureza.—Se tomarmos differentes corpos, e os riscarmos com a unha, em seguida, com um pedaço de calcareo, um fragmento de quartzo, e finalmente com a lamina de uma faca, veremos que uns oppõem mais resistencia do que outros a serem riscados.

A essa propriedade dos corpos solidos denomina-se *dureza.*

A dureza dos corpos é relativa. Um corpo, em relação a outro pode ser mais molle ou mais duro. O corpo mais duro que se conhece é o *diamante*, que risca todos os outros e não é riscado por nenhum.

O ouro, e a prata são, em geral, molles, devendo, para os tornar *duros*, combinal-os com outros corpos mais duros. E' o que se pratica na fabricação das moedas e *bijouterias.*

Os corpos duros apresentam muitas vezes a propriedade de serem *frageis.*

Fragilidade.—Se deixarmos cair um copo de vidro no chão, este reduz-se immediatamente a fragmentos. O mesmo succederá com um pedaço de barro, mas outro tanto não succederá com uma pedra ou um pedaço de papel. A' propriedade de que tem os corpos solidos de se reduzirem a pequenos fragmentos, mediante um esforço infinitamente pequeno, denomina-se *fragilidade.*

Um dos corpos mais frageis é o *vidro* ou a *louça.*

Em geral, todo o corpo duro é fragil e vice-versa.

O vidro é, egualmente duro e fragil. A cré e o barro, embora molles, são, no emtanto, frageis. A pederneira, embora dura, não é, no emtanto, fragil. As excepções á regra são, porém, raras.

Para augmentar a dureza e fragilidade dos solidos, os industriaes recorrem ao *recozimento* e á *tempera.*

Recozer um corpo, é aquecel-o e resfrial-o lentamente.

O vidro, o aço, o ferro fundido, etc., augmentam a sua dureza e fragilidade, por meio d'esta operação.

Temperar um corpo consiste em aquecel-o e resfrial-o bruscamente.

Fundindo um pedaço de vidro, e deitando-o, em seguida, bruscamente na agua fria, a parte exterior solidifica, occupando a massa interna, um volume maior do que aquelle que occuparia se o resfriamento fosse mais lento, d'onde resulta um equilibrio forçado entre as moleculas, o qual cessará, desde que se parta o envolucro externo. A essas gottas de vidro temperado, dá-se o nome de *lagrimas boctaricas.* Se dermos uma forte pancada na parte mais grossa da lagrima, esta não parte; se, porém da pancada resultar que um ponto qualquer da massa interna fique a descoberto, a lagrima redusir-se-ha a pó, sendo o phenomeno acompanhado de uma pequena explosão.

Ductilidade e Malleabilidade. Alguns corpos, como a cêra, o barro, etc., deformam-se facilmente com qualquer pequeno esforço, sendo, por conseguinte, facil, fazerem-se moldes d'estas substancias para que, por meio d'estes, possamos obter qualquer desenho ou figura que pretendamos.

Outros corpos, porém, necessitam de maior esforço para o mesmo fim, o que succede, por exemplo, com os metaes, quando pretendemos reduzil-os a fios, por meio da *fieira*, ou a laminas por meio do *laminador.* Finalmente, outros ha que exigem elevação de temperatura para se deformarem como succede, por exemplo, com o vidro e a *rezina.*

A' propriedade que os solidos teem de tomar formas diversas quando sujeitos a esforços de pressão ou tracção, denomina-se *ductilidade.*

Esta denominação generica abrange duas outras propriedades que são, egualmente inherentes aos solidos; a *ductilidade* propriamente dita e a *malleabilidade.*

Devemos entender pela primeira, a propriedade de alguns solidos se poderem reduzir a fios, pela acção da *fieira.* Devemos entender pela segunda, a propriedade de alguns solidos se poderem reduzir a laminas, pela acção do laminador.

A *fieira* consiste n'uma lamina grossa de ferro crivada de orificios de diversa grandeza. Para se poder reduzir a fio, qualquer solido que gose d'essa propriedade, o ferro, ou o cobre, por exemplo, começa-se por introduzir o corpo no orificio mais largo, e depois, successivamente, até ao menor, adquirindo, d'esta forma, o fio, o diametro que se lhe pretende dar.

O *laminador* consta de dois cylindros girando em sentido contrario, e cuja distancia é variavel, consoante a espessura que se pretende dar á lamina.

Tenacidade. Se reduzirmos varios corpos a fios, os prendermos por uma das extremidades, e os carregarmos com peso, pela outra, veremos que uns quebram com os pesos que supportam, emquanto outros resistem á tracção.

A essa propriedade dos solidos, denomina-se *tenacidade.* O corpo mais tenaz é o que supportar maior peso. Os metaes mais tenazes são, por ordem decrescente: o ferro, cobre, platina, prata, ouro, estanho, zinco e chumbo.

A elevação de temperatura diminue a tenacidade.

Choque dos corpos. Dois corpos solidos encontrando-se, dão origem a um choque, e tanto maior, quanto maior fôr a fôrça que os impellir um para o outro. Suspendendo por um fio, uma esphera metalica pesada, tendo outro fio, na parte inferior e puchando rapidamente por este ultimo, veremos que este quebrar-se-ha, ficando no entanto, a esphera suspensa pelo fio superior. Se, porém, pucharmos lentamente o fio inferior, o movimento transmitte-se ao fio superior, sendo este então que se quebra, fazendo cahir a esphera, visto que tem de supportar além do esforço que empregâmos, o peso total da esphera.

Outra experiencia demonstra-nos o mesmo facto. Se collocarmos n'uma mesa uma serie de moedas de vintem unidas entre si, e arremessarmos outra moeda egual, contra as outras, o choque transmittir-se-ha a todas ellas, movendo-se unicamente a ultima. Se, porém, o choque fôr brando, mover-se-hão todas as moedas egualmente.

Por motivo identico é que podemos com um tiro de revolver, abrir um furo circular n'um vidro, o qual dá passagem á bala. Se, porém, o choque fôr menos rapido, a bala despedaçará por completo o vidro.

Se os corpos solidos forem elasticos, estes comprimir-se-hão no momento em que o choque se der, adquirindo immediatamente o seu volume, cessando a fôrça, mas obrigando-os no emtanto, a desviarem-se do sentido em que se moviam. Uma bola de bilhar encontrando outra em repouso, transmitte-lhe o movimento, modificando-lhe o seu estado de repouso.

No choque dos corpos elasticos observamos.

1.º Se um dos corpos está parado, e este receber movimento de outro, o corpo que transmittiu movimento, ficará em repouso e vice-versa.

2.º Se ambos os corpos se movem, chocando-se trocam entre si os movimentos.

(Continúa). *Antonio A. O. Machado.*

NECROLOGIA

CONSELHEIRO COSTA E ALMEIDA

Acaba de fallecer no Porto, na sua casa da Rua de Santa Catharina, este velho liberal, por quem a cidade invicta tinha a maior adoração, não só porque n'ella se reuniam grandes aptidões de talento, mas porque á sua vasta e profunda sciencia juntava um espirito essencialmente patriotico e liberal.

O conselheiro Antonio Ribeiro da Costa e Almeida, nasceu a 21 de Setembo de 1828, e falleceu no dia 17 do corrente, contando portanto 75 annos de idade e alguns dias á data do seu passamento.

Foi Vizeu sua terra natal, e seu pae um dos mais valentes caudilhos da revolução liberal, soffrendo ainda bem novo o resultado das perseguições de que o pae foi victima. Poucos mezes antes do desembarque da expedição liberal no Mindello, e da qual seu pae fazia parte, Costa e Almeida havia sido trazido de Vizeu para o Porto por sua mãe, para a companhia de sua tia D. Margarida Mendes de Vizeu, que no Porto fixára residencia para mais de perto poder cuidar de

sua sogra D. Eugenia Mendes, baroneza da Silva, presa por liberal nas cadeias da Relação.

Aos 15 annos Costa e Almeida matriculou-se em Coimbra, no primeiro anno da faculdade de direito, concluindo o curso em 1849, e praticando na advocacia com o celebre causidico João Alvares de Moura, com quem trabalhou, chegando a substituil-o em alguns processos importantes.

Em 1852 foi provido lente substituto nas terceira e quarta cadeiras do Lyceu do Porto, sendo promovido á propriedade da quarta cadeira por decreto de 14 de fevereiro de 1861.

Em 1 de setembro de 1868 foi nomeado secretario do mesmo lyceu e em 1 de novembro de 1880 reitor, cargo que apenas exerceu alguns annos, passando para o logar de chefe de secretaria d'aquelle lyceu e retomando o seu cargo de professor, onde completou quasi cincoenta annos de serviço, estando actualmente aposentado.

Depois da sua formatura collaborou em alguns jornaes litterarios do tempo, sendo um dos fundadores da *Peninsula*, da *Esmeralda* e de um jornal de jurisprudencia fundado pelo seu condiscipulo Marcellino de Mattos.

Entrou em diversos movimentos politicos, fazendo parte da *Janeirinha*, sendo um dos promotores da *União Patriotica*, d'onde saiu a revolução de Janeiro.

Foi eleito deputado pelo Porto em differentes legislaturas e exerceu por muitos annos as funcções de vogal do conselho de districto de que tambem foi presidente, bem como o cargo de presidente da camara municipal do Porto.

Era agraciado com o habito da Torre Espada e com a carta de conselho, honra que o illustre chefe do partido progressista lhe conferiu por occasião do centenario do Infante D. Henrique.

CONSELHEIRO ANTONIO RIBEIRO DA COSTA E ALMEIDA

FALLECIDO EM 17 DO CORRENTE

Publicações

Recebemos e agradecemos:

Revista Agronomica.—Fomos brindados com os primeiros 8 numeros d'esta revista publicada pela sociedade de sciencias agronomicas de Portugal.

A direcção da *Revista Agronomica* está a cargo dos srs. J. Verissimo d'Almeida, J. Rasteiro e M. de Sousa da Camara e corresponde nos seus sumarios ao fim altamente util que ella tem em vista.

E' editor o sr. A. Pereira e o trabalho artistico é da papelaria *La Bécarre* que n'elle mais uma vez affirmou os seus creditos.

O Grande Elias. Appareceram os 4 1.os n.os d'este semanario illustrado, litterario e theatral destinado a occupar-se de assumptos de arte dramatica com independencia e critica sincera. E' seu director e redactor principal o nosso amigo o sr. Joaquim dos Anjos o que é uma garantia de que os assumptos tratados no novo semanario hão de preencher os desejos dos que pretendem que a critica se exerça com a independencia livre de pressões e de conluios.

O 1.º numero do *Grande Elias* publica o retrato do actor Taborda e collaboram n'elle nomes festejados na imprensa e no theatro como Abel Botelho ao lado de Eduardo de Noronha, Hogan Teves, etc.

Damos as boas vindas ao *Grande Elias* e oxalá que elle possa cumprir o seu programma com dessassombro.

Esguichos. Versos amenos por Azor 2.ª edição—Lisboa 1902—E' uma collecção de versos satyricos a que o seu auctor deu o nome de Esguichos e que são verdadeiras carapuças talhadas com conhecimento de causa.